

O que sentes quando a chuva cai?¹

João de Mancelos

Três contos do livro

O que sentes quando a chuva cai?

Acordava às duas, três, quatro da manhã, meu filho. O coração batia-me violentamente, como o de um maratonista perto da meta. Imaginava que os dinossaúros de brinquedo te viriam, por fim, vingar. Sairiam numa marcha lenta, mas determinada, do teu quarto, apoiados por heroínas japonesas de olhos enormes; por índios brandindo machados de guerra; por um pelotão de soldadinhos de chumbo. Conquistariam o corredor, através da passadeira cor de savana, e farejariam uma nesga de luz debaixo da minha porta. Mal apanhassem o cheiro a remorso, carregariam sobre mim, com urros de plástico, numa fúria antediluviana. Missão: devorar a mãe que deixou que te afogasses.

Sonhava muitas vezes que estava contigo na piscina, tu dentro da boia que era o sapo Cocas, e ambos me sorriam, a deslizarem sobre a água. Estendia-te os braços, encorajava-te a bateres com os pés, acariciava-te o rosto de anjinho de Botticelli, quando me alcançavas. Depois, despertava sobressaltada, com o teu nome preso na garganta. Invariavelmente a voz naufragava-me em lágrimas.

Por vezes, o teu pai acordava com os meus soluços, suspirava fundo, não proferia uma só palavra e voltava-se para o outro lado, de costas para mim. Nada mais cruel do que o silêncio.

A meio da noite, quando ia ao quarto de banho, temia o corredor, uma cilada de sombras e sons facilmente confundíveis com um queixume de criança. Chorava, lavava o rosto, chorava. Regressava ao leito à pressa, sempre com medo de te ver, ao fundo do corredor, à minha espera. Passei a reprimir a vontade de urinar, a ficar quieta na cama, olhos pregados no teto, contando as horas para o amanhecer. Quase sempre, pensava em ti. Dois palmos no berço; três palmos gatinhando; quatro palmos titubeando na minha direção, as mãos pegajosas de compota, pedindo um abraço de urso.

Na cama, apareceu uma terra de ninguém a separar a esposa infanticida e o pai órfão de filho. Antigamente, nesse campo, cabia o teu corpo aninhado nas noites de trovoada; as sextas-feiras selvagens de amor; a conspiração sobre a prenda de aniversário a comprar-te.

¹ Mancelos, João de. *O que sentes quando a chuva cai?* Lisboa: Nova Vega, 2005.

Depois do meu crime, floriram entre nós silêncios daninhos e culpas por ceifar. As sextas-feiras tornaram-se iguais às quintas, quartas, terças e segundas. E eu, a infanticida, não ousava tocar o meu marido, como se fora uma impura bíblica, nas terras da Galileia.

— Ainda me amas, Zé?

O teu pai não respondia. Apenas o silêncio e a respiração de quem finge dormir.

Algumas pessoas tentarem aliviar-me a dor. Um tio beirão, padre, prescreveu-me orações, ao jeito de fórmulas mágicas. Tomava três avé-marias ao acordar e outros tantos pais-nossos ao deitar. Rezava fervorosamente, de cenho carregado, diante de um crucifixo, assente numa mesinha, junto a um porta-retratos com a tua fotografia. A que tiraste no dia em que fizeste um ano. Mas Deus não podia viver em mim, cheia de desgraça, maldita entre as mulheres, agora e na hora da tua morte, filho. Também Ele era silencioso, também Ele magoava.

Desesperada, deitei as mágoas no divã do psiquiatra, um mercenário das causas perdidas, que me escutava de taxímetro ligado. Prescrevia-me medicamentos para a dor mas não para a culpa, aconselhava-me a juntar-me a um grupo de apoio, composto por pais que tinham perdido os filhos, sugeria um novo projeto de vida. *Psicotretas* inúteis. A terapia não sortiu efeito: eu tinha a alma cheia de vespas, a zumbirem dia e noite. Não comia, não reagia, não vivia.

E não suportava dormir com o teu pai no quarto. Sentia uma repulsa muda, um ódio latente. A primeira etapa do meu exílio foi o sofá da casa de jantar, que cheirava a cerveja, a pipocas e a suor de Verão. À hora de deitar, cruzava-me com o teu pai no corredor: ele, a caminho do quarto, eu na direção da sala.

— Boa noite, Zé.

— Até amanhã — respondia, seco.

Nem na sala conseguia escapar da culpa que rastejava para fora da piscina até mim. Em noites de luar, a água refletia-se no teto e bruxuleava, louca, insone. Tudo me lembrava de ti: o céu, a água, o vento. Por isso, numa manhã de Sábado parti para casa da minha mãe, a dez quilómetros que pareciam outro país, sem intenção de voltar.

Costumava passar as tardes preguiçosas de Inverno, quando a luz se inclinava delicadamente sobre a terra, no parque municipal. As folhas desprendiam-se do arvoredo, como borboletas castanhas, encenando voos sinuosos sobre o lago. Às vezes, um romance fazia-me companhia; outras, preferia espreitar as crianças a perseguirem bolinhas de sabão, a deslizarem pelo escorrega, a comandarem exércitos invisíveis sobre cavalos de pau.

Tornei-me numa *voyeuse*, fascinada pelos filhos dos outros. Apetecia-me chamá-los, sentir o seu calor, dar-lhes a mão, levá-los para casa e enchê-la de risos e travessuras. Uma vez, cheguei a pegar num menino ao colo, apenas porque era parecido contigo, nos olhos claros, no

tom de espiga do cabelo, na voz. Mas ele escapuliu-se dos meus braços para os da mãe, como se soubesse que eu era uma infanticida. Só o podia ver — apenas esse, o meu destino de *voyeuse*.

Tudo isto arde, mas são as dúvidas que queimam. Onde vives agora, meu filho? Com quem brincas? Ainda gostas de chocolate? Quem te conta histórias e te beija na testa, antes de adormeceres? Diz-me: o que sentes quando a chuva cai? Ódio por mim ou compaixão? Algum dia me perdoarás? Reconhecer-me-ias se eu fosse hoje ao paraíso?

Até que, ontem de manhã, tive saudades do lar, do pai, de ti. Sai à rua e, guiada por uma vontade que desconhecia, conduzi devagar em frente à vivenda. Estacionei o carro na berma e entrei furtivamente no jardim.

Ninguém mudara a água da piscina. Folhas ruivas de Outono navegavam espalmadas como peças de um *puzzle*, e os insetos patinavam na superfície. Debrucei-me sobre a água e pareceu-me ver o teu corpo, um bonequinho de fato de banho azul-bebé, a esbracejar.

Vestida, desci as escadinhas da piscina, chamei o teu nome, alto, mais alto:

— Pedro, Pedro!

Até os pássaros levantarem um voo espantado e os vizinhos assomarem às janelas.

— Pedro, Pedro!

O teu pai saiu de casa a correr, aflito.

— Joana? Que fazes...?

Avancei pela água suja, indiferente ao frio, em busca de um reflexo de ti. O teu pai despiu o roupão e mergulhou. Nadou até mim, estendeu-me a mão e puxou-me com firmeza para a margem. Depois, saiu da piscina, ajoelhou-se e ajudou-me a subir. Fiquei diante dele, a tremer, sem conseguir fitá-lo. O Zé pôs o roupão sobre as minhas costas e abraçou-me.

Afoguei o rosto no seu peito e balbuciei:

— Não o ouvi, Zé, não ouvi nada.

— Eu sei. Não tiveste culpa. Ninguém teve — disse.

E chorámos juntos. Chorámos até as aves regressarem aos poleiros; até os vizinhos esconderem a curiosidade envergonhada atrás das cortinas; até tu estares ali, connosco, finalmente, meu filho azul.

A vida íntima do Sr. Antunes finalmente revelada

Há mais de trinta anos que o Sr. António Antunes alugava um quartinho, no seu apartamento em Benfica, a estudantes universitárias. Não o fazia por necessidade (o salário ganho a conduzir elétricos pelas ruas de Lisboa era suficiente para as despesas mensais), mas

por lascivo prazer. É que o Antunes desde os onze anos praticava as mais indecentes formas de voyeurismo: espreitava a vizinha a amamentar o bebé; observava a irmã adolescente no banho; espiava as meninas ricas a jogarem ténis, de saias minúsculas, soltando gritinhos quando defendiam a bola.

No fundo, o Antunes era uma criatura tímida e preferia contemplar a vida à distância, pelo buraco da fechadura, a envolver-se nos meandros, tantas vezes dolorosos, da existência. Nunca namorou, nem se interessou pelo convívio com o sexo oposto. Embora não desagradasse às mulheres (nem estas a ele), o Antunes gozava, sobretudo, os prazeres solitários e proibidos.

Aos dezasseis anos, o Antunes já possuía uma coleção de meia centena de revistas pornográficas francesas, compradas com a mesada, e escondidas no sótão, dentro de um baú. Aos Sábados à tarde, quando regressava a casa, depois dos exercícios da Mocidade Portuguesa, aninhava-se a um canto das águas-furtadas. À luz de um candeeiro de mesa, deleitava-se com as loiraças nuas e avantajadas que povoam esse género de literatura. Percorria-lhes formas com o dedo indicador, encostava os seus lábios aos delas, imagina-as a despirem-se para si, sem pressas, no sótão de Benfica.

O maior troféu do jovem *voyeur* era umas calcinhas brancas, vaporosas, de tamanho médio, fabricadas na Alemanha. Pertenciam a uma rapariga chamada Anke, vinda da Baviera para trabalhar como ama durante as férias no Verão, numa vivenda perto da casa do Antunes. O rapaz observava-a há semanas, através dos binóculos, estudando-lhe a silhueta alta e bem torneada, os gestos delicados, o cabelo tão loiro que parecia branco.

Numa tarde em que uma vaga de calor se abatia sobre Lisboa, e nem uma aragem se desprendia do Tejo, o Antunes saltou o muro da vivenda, com o coração a trote, e arrancou as calcinhas de Anke do estendal. Escondeu-as no bolso, assobiando insuspeitamente, mortinho por as examinar. Cheirou o aroma a sabão azul, sentiu a sua textura fina, aconchegou-as junto do coração e, na febre do desejo, chegou mesmo a vesti-las. A peça foi o primeiro exemplar de uma longa coleção, e por isso o Antunes nutria por elas uma ternura especial.

No entanto, só aos quarenta, o Antunes encontrou um expediente perfeito para espreitar raparigas. Por seiscentos escudos ao mês, alugou um quatinho no seu apartamento de três assoalhadas, em Benfica, corria o ano de 1975.

Ao anúncio, publicado no *Jornal de Notícias*, responderam três estudantes do sexo feminino e dois do masculino. O proprietário descartou estes, de imediato, e marcou entrevista com as meninas. A primeira foi excluída por ser gorducha, ter buço à Hitler, e transpirar demasiado; a segunda era uma *hippie* de repas sujas, pelos nos sovacos, sobrancelhas como centopeias e unhas dos pés tão crescidas que poderia trepar às árvores; a terceira era uma menina-mulher, de estatura média, tranças loiras, e um olhar capaz de derreter o Pólo Norte.

Chamava-se Aurélie Silva, filha de emigrantes alentejanos em Lyon, e viera cursar Estudos Franceses na Universidade de Lisboa. Este pormenor agradou ao Antunes, familiarizado com a língua de Verlaine graças às revistas pornográficas (nesta altura contava com mais de três centenas, arrumadas numa estante do sótão).

Em boa verdade, o quarto a alugar não seduzia: era pequeno e esconso, o papel de parede descascava, e uma mancha de humidade, semelhante ao mapa de África, alastrava pela parede setentrional. No Verão, o aposento era uma estufa; no Inverno, constiparia um esquimó. Pior ainda, devido à hera que revestia toda a fachada do prédio, a divisão era um viveiro de aranhas, centopeias, e demais insetos rastejantes. Porém, calculava o Antunes, por seiscentos escudos ao mês, com serventia de cozinha, constituía uma pechincha para qualquer estudante universitário de recursos limitados.

O Antunes não poupou elogios ao quarto:

— Por aqui, por favor — conduziu a Aurélie com um gesto largo. — Como a menina pode verificar, é um aposento modesto sem ser pobre. Encontra tudo o que uma estudante precisa: mobília de quarto, secretária, estante e um crucifixo (por causa dos exames).

A candidata a inquilina olhou em redor, inexpressiva. O Antunes prosseguiu:

— É bastante iluminado e mais silencioso do que um convento. Ah, aprecie-me esta vista — abriu a janela, de par em par. — Um jardimzinho carregado de pássaros, ruas sossegadas, e uma paragem de autocarros na esquina. Não é uma maravilha?

A Aurélie, para quem o preço pesava mais do que qualquer outro especto, resignou-se e firmou o contrato de arrendamento.

O Antunes omitiu uma referência às vinte e nove janelas dos prédios em frente, espécie de canais de televisão, onde se exibiam cenas da vida íntima dos vizinhos. Prescindia de bom grado desses múltiplos prazeres, em proveito de uma causa maior. Como um colecionador de borboletas gosta de ter os espécimes alfinetados e reunidos no mesmo álbum, Antunes podia espiar Aurélie, sob o seu próprio teto, a qualquer hora do dia e da noite.

Enquanto a jovem não se mudava para Benfica, o Antunes tratou dos preparativos para a receber condignamente. Pediu emprestado a um colega sindicalista um berbequim. Espetou a broca mais grossa no centro de uma margarida do papel de parede e abriu um orifício ligando o seu quarto ao da estudante. Disfarçou os bordos da abertura com um pouco de gesso e dissimilou a extremidade do seu lado com um calendário das Missões Combonianas, impingido pela vizinha de baixo, a Dona Céuzinha.

O orifício proporcionava ao *voyeur* uma panorâmica do aposento alugado, em geral, e da cama de Aurélie, em particular. Como o buraco estava a noventa graus para a esquerda da janela, a luz natural incidia com uma inclinação que o Antunes definiu como “artística”. E lambeu

os lábios ao imaginar a jovem nua, ao pôr-do-sol, como nos postais atrevidos.

Entusiasmado com este pequeno triunfo, o *voyeur* estudou outras hipóteses de espiar a sua Aurélie. Se espreitasse pelo buraco da fechadura do quarto de banho, pouco enxergaria, por causa das cortinas de plástico da banheira. Num gesto dramático, arrancou-as das argolas e lançou-as para o lixo. Calculando que a Aurélie quisesse assistir à *TV Rural*, ao *Noticiário*, e aos desenhos animados do Vasco Granja, o Antunes arrastou o mobiliário para que o sofá onde a universitária se repimparia fosse visível da cozinha. Enquanto fritasse carapaus, o Antunes podia observá-la sem que a rapariga suspeitasse — porque um *voyeur* adora ver, mas teme ser visto.

No Sábado anterior à mudança da universitária, o Antunes teve dificuldade em conciliar o sono. Dispunha do fim-de-semana inteiro para se deleitar com a vida íntima de Aurélie, no duche, na cama, na sala de jantar. Por um momento, sentiu um remoque de consciência e mesmo receio pelo destino da sua alma. Educado por um pai sargento e uma mãe enfermeira, nos princípios rigorosos da religião, e com Dom Nuno Álvares Pereira como figura tutelar, o Antunes envergonhou-se do seu voyeurismo. Imaginou que Deus o espreitava, por entre as nuvens, debruçado sobre a *Gina* ou a *Playboy*, ou via-o afagar as calcinhas germânicas da Anke.

Contudo, cada qual é como é, cogitou o Antunes. Por certo que as suas qualidades, se colocadas num prato da balança, pesariam mais do que os pecadilhos de *voyeur*, postos no outro. Afinal, sempre fora um funcionário cumpridor, o primeiro a picar o ponto, nunca se envolvera em questões políticas, e jamais faltava à eucaristia dominical. Com estas certezas, o Antunes puxou para cima as calças do pijama, pediu a Santa Brígida para lhe acalmar o desejo, e dormiu tranquilo o resto daquela noite de setembro.

Na manhã seguinte, pelas dez horas, *ding dong!*, a campainha do apartamento tocou. A Aurélie apareceu ladeada por duas malas de napa, ainda com etiquetas da TAP, e um sorriso tímido, a que o Antunes corresponderia de bom grado, não fosse atrás da jovem lobrigar um indivíduo desconhecido. A rapariga apressou-se a apresentá-lo:

— Sr. Antunes, este é o Vasco, um amigo. Veio ajudar-me nas mudanças.

O Antunes contemplou-o dos pés à cabeça: um sujeito moreno, magro, de patilhas, vestindo *jeans* e uma camisola vermelha berrante, com o rosto do guerrilheiro Che Guevara estampado.

“Um comunista” — pensou o Antunes, que detestava militantes de esquerda, por serem barulhentos, revolucionários e com pouco trato. Estendeu dois dedos desconfiados para cumprimentar o Vasco.

— Muito prazer — mentiram um ao outro.

Contrafeito, o Antunes cedeu passagem à estudante, às malas e ao pau-de-cabeleira. Deixou-os à vontade para arrumarem os tarcos da Aurélie, tarefa para um par de horas e

muitos risinhos, que o proprietário escutava, da cozinha, de sobancelha erguida. Mal apanhou o sujeito fora de casa, o Antunes explicou à menina Aurélie as regras do jogo, usando o seu melhor vocabulário:

— Sou um homem de princípios, como certamente a jovem é.

A Aurélie assentiu com o rosto.

— Assim, e para que ambos mantenhamos a nossa boa reputação e para que o convívio de muitas horas que se avizinha entre nós seja saudável, é essencial respeitar algumas regras.

— *D'accord...*

— Em primeiro lugar, aconselho-a a prescindir de visitas masculinas — pigarreou o proprietário.

A estudante corou, deixando o Antunes excitadíssimo. Meteu as mãos nas algibeiras, para disfarçar.

— No entanto, autorizo-a a receber todas as meninas que desejar (e certamente terá muitas amigas e colegas), e os seus pais, quando vierem de Lyon. O recolher é às dez da noite. E este — estendeu-lhe um papelinho — é o horário das missas em várias igrejas de Lisboa.

Ainda mal refeita do discurso, a Aurélie estendeu a mãozinha branca para recolher o folheto. O Antunes roçou-lhe, ao de leve, nos nós dos dedos.

— Obrigado pela sua compreensão, menina — murmurou, sem saber mais o que dizer, e sentindo-se demasiado como um pai.

Nessa tarde, como sucedia todas as quinzenas, o Antunes, sócio dois mil e duzentos do Benfica, foi ao estádio ver os encarnados treinarem. Contudo, não se conseguia concentrar nos passes, nos exercícios e nas simulações de jogo. Lembrava uma criança ansiosa por desembulhar os presentes, no Natal. Apetecia-lhe correr para casa, entrar de rompante no apartamento, colar a cabeça à parede e espreitar o umbigo da Aurélie. Conteve-se a custo, certo de que ao adiamento do seu projeto corresponderia um maior prazer na concretização.

E foi pelos dedinhos dos pés da Aurélie que o pobre Antunes se apaixonou. Quando chegou ao apartamento, a rapariga afundava-se no sofá da sala, absorta na leitura do romance *La Jalousie*, de Alain Robbe-Grillet. Minissaia, perna cruzada, sandálias, o pé marcava o ritmo de uma canção que apenas ela escutava.

— Como está, menina?

— Bem, obrigada. E o Sr. Antunes?

— Satisfeito. Fui ver o treino do Benfica.

— Oh! E que tal?

— A melhor equipa, como sempre.

O Antunes sentou-se no *maple* oposto, para lhe fazer companhia e observá-la

discretamente. Durante a leitura, levantou os olhos do *Jornal de Notícias*, e reparou num pormenor: no polegar do pé esquerdo, a Aurélie usava um grosso anel de prata, rodeado por um friso. Nunca o *voyeur* vira um adereço daqueles, nem mesmo nas raparigas que posavam para revistas picantes. Fitou-o, hipnotizado pelo ritmo do pézinho, cima, baixo, cima, baixo. Um pé pequeno como o das gueixas; esguio, com dedos de boneca; as unhas envernizadas em tom de pérola.

“Se a perfeição existe na Terra” — sofismou o Antunes —, “está no pé da Aurélie”.

Imaginou-se a beijar-lhe os dedos; não, melhor ainda: a chuchá-los, a mordiscá-los, a ver a sua saliva brilhar neles.

A Aurélie bocejou, encaracolou o cabelo agora solto, com um lápis, e sorriu para o Antunes. A troca de olhares durou menos do que um relâmpago, mas foi o suficiente para o homem sentir as faces a arderem. Alguns apaixonados veneram uma madeixa da amada e guardam-na no interior de uma medalha, suspensa ao pescoço, junto ao coração. O Antunes imaginava-se noivo do pé de Aurélie, e o anel do polegar tornou-se o primeiro objeto do seu desejo.

— Está um calor terrível! — queixou-se a jovem.

— A Aurélia — o Antunes chamava-lhe assim por não conseguir pronunciar o “r” gutural — quer abrir a janela?

— É pior, entra mais sol. Se não se importa, vou tomar um duche morno, antes do jantar.

— Esteja à vontade — quase gritou o Antunes —, a casa é sua.

A Aurélie atirou o romance para cima da mesinha, descruzou as pernas elegantes e, gingando as ancas, desapareceu na escuridão do corredor. O Antunes esperou, impaciente, que a jovem fosse ao quarto buscar alguns artigos de higiene. Mal ouviu o silvo de ar nos canos e o resfolegar do esquentador, saltou do *maple* e ajoelhou-se em frente à porta do quarto de banho.

Pelo buraco da fechadura, viu a Aurélie preparar-se para o duche. Primeiro, a rapariga despiu a blusa branca e pendurou-a num cabide. Repetiu o gesto com o sutiã, libertando os peitos pequenos, quase insignificantes se comparados com os das modelos das revistas pornográficas. Talvez por isso mesmo, o Antunes os achasse refrescantemente sedutores.

A Aurélie fez uma pausa para inspecionar o rosto ao espelho e espremer uma borbulha. Em seguida, desapertou a saia de ganga e com um movimento de ancas para a direita e para a esquerda, deixou-a tombar. Entalou os polegares nas calcinhas, cor de azul-bebé, e fê-las deslizarem até ao chão, revelando as nádegas em forma de pera. O Antunes arfou ao ver, pela primeira vez, a sua inquilina nua.

A Aurélie voltou-se de lado, um rosto digno de figurar numa moeda romana, e poisou o pé no bordo da banheira. Com algum esforço, retirou o anel do polegar e depositou-o no

lavatório, junto ao sabonete Palmolive que o *voyeur* comprara, propositadamente, para ela. Nesta altura, já o vapor de água embaciava o espelho e se evolava ao redor da Aurélie, como num filme pornográfico piroso dos anos sessenta. O Antunes arranhou a porta do quarto de banho, ao anteciper o instante em que a jovem se ducharia.

Nesta altura, o telefone tocou.

“A mãezinha!” — o Antunes deu uma palmada na testa. “O telefonema semanal da mãezinha!”

Podia ignorá-la, era evidente, mas quando se tem uma progenitora como a do Antunes, essa não é uma opção ajuizada. Por certo, a senhora telefonaria de dez em dez minutos, até ouvir a voz do filho. O homem desferiu um murro frustrado no ar e correu para o telefone:

— Alô?

— Olá, Tonecas, é a mamã!

— Querida mãezinha, estava mesmo agora a pensar em si! Nem calcula as saudades.

Com tem passado?

O Antunes, ansioso por despachá-la e regressar ao seu posto de observação, apercebeu-se demasiado tarde de que colocara a questão errada.

— Ando raladíssima com a saúde.

E a mãe discorreu longamente sobre as enxaquecas, os bicos de papagaio, o reumatismo e todo um compêndio de doenças de gente idosa. O Antunes lá balbuciava um “credo, mamã!”, “que pena, mamã...”, “é a vida, mamã!”, e receitava-lhe remédios naturais de uma ervanária próxima.

Durante a conversa, ainda tentou esticar o fio do telefone até ao quarto de banho, mas não avançava mais de um metro no corredor e, de qualquer forma, a Aurélie podia ouvi-lo. Vinte e cinco minutos depois, quando a mãezinha deu por terminada a preleção sobre doenças e desgraças, já a Aurélie deixara o duche, descalça e envolta numa toalha branca, que mal a cobria.

O *voyeur* precipitou-se para o seu quarto, afastou o calendário das Missões, e espreitou através do orifício que em boa hora fizera na parede. A Aurélie libertara-se da toalha e, nua, em frente ao espelho oval da cómoda, aplicava algumas bombadas de perfume por todo o corpo. Fez saltar, pela cabeça, um airoso vestido de chita, às florzinhas azuis. O Antunes nem queria acreditar que a sua inquilina não usava roupa interior. Finalmente, a jovem apoiou o pé na cama e colocou no polegar o anel. O *voyeur* encostou-se à parede, sem fôlego, agradecendo a Eros a ideia de arrendar aquele quatinho.

No entanto, é sabido como os deuses antigos gostam de pregar partidas aos seres humanos e de brincarem com as naturais fraquezas. O *voyeur*, que até então mantivera distância afetiva em relação às mulheres que observava, ficou perdido de amores por Aurélie.

Tornou-se mais atrevido: lavava os dentes com a escova da rapariga para, indiretamente, conhecer o sabor da sua boca. Encostava o ouvido à porta do quarto arrendado para descobrir se a rapariga gemia de noite e se ressonava. Levou ao nariz as pantufas aos ursinhos da jovem e inspirou o odor dela, só lamentando não serem sapatos de salto alto, fechados, para beber espumante deles. O Antunes construía uma Aurélie feita de visões, sons, cheiros e sabores. Só lhe faltava um sentido: o tato.

À noite, estendido na cama, em lençóis de fogo, o Antunes fantasiava acariciar-lhe o rosto, os ombros, os seios, as coxas, o ventre liso; beijar-lhe os cabelos e rodear-lhe com a língua o umbigo perfeito. Deixaria Aurélie que ele tirasse o anel prateado do polegar? Seria um dia possível? Afinal, o Antunes não era assim tão velho, tinha boa aparência, apesar da calvície e — todos os amigos o confirmariam — era um homem honesto e trabalhador. Contudo, a Aurélie era uma estudante universitária, e por certo não ambicionaria um simples condutor de elétricos, mas sim um cavalheiro culto, com quem pudesse conversar sobre letras, arte e política.

Num gesto para si mais ousado do que espreitá-la no duche, o Antunes resolveu oferecer-lhe um presente, no Natal, e estudar a reação da rapariga. Na mente do apaixonado, se a Aurélie correspondesse com uma prenda, isso significaria que estava interessada nele. Mas que lhe deveria dar? O Antunes aconselhou-se com o Simões, um mecânico da Carris, engatado, com experiência de vida que dava matéria para vários volumes de uma enciclopédia. Conhecia todas as discotecas de Lisboa, sabia cativar as mulheres (as solteiras, as casadas, as divorciadas e as viúvas), e nenhuma escapava ao seu charme de macho latino.

— Pá — revelou o conquistador ao Antunes —, há uma coisa de que todas gostam: um conjunto de *lingerie*.

— Lã quê?

— Roupa interior. Coisa de bom gosto, para te custar um dinheirão.

O Antunes recuou, aterrorizado:

— Não lhe posso oferecer algo tão íntimo. Seria embaraçoso para ambos.

— Pá, tu é que conheces a miúda. Se preferes, dá-lhe um *bouquet*.

— Um quê?

— Um ramo de rosas: brancas, se não quiseses coisa; vermelhas, se estiveres para aí virado.

O *voyeur* decodificou a mensagem e sentiu-se enojado pela forma como o Simões falava da Aurélie, que nem sequer conhecia, equiparando-a a uma das suas mulheres vulgares. Deu o assunto por encerrado, e passeou-se pelo Chiado, em busca de uma epifania.

Ao ver a montra de uma pastelaria fina, decidiu-se por uma enorme caixa de bombons recheados com licor de cereja, caríssima, de uma marca italiana. Quatro dias antes do Natal (a

jovem reunir-se-ia com os pais em Lyon para as festividades), o Antunes tomou um copinho de aguardente para ganhar coragem. Bateu à porta do quarto da Aurélie, a medo.

A rapariga abriu:

— Sim, Sr. Antunes?

— Menina, mil desculpas por a incomodar.

— Sente-se bem? Parece-me um pouco pálido...

— Sim. Isto é: não. Somente cansado. Como é a época natalícia, tomei a liberdade de lhe comprar uma lembrança.

A Aurélie juntou as mãos e sorriu:

— Oh, Sr. Antunes, que tolice... Não era necessário incomodar-se comigo.

— Não é nada de especial.

Entregou-lhe a caixinha de bombons, devidamente embrulhada num papel com renas, bonecos de neve, e pinheiros nórdicos, e atada com um laçarote vermelho e dourado. A jovem apressou-se a desembulhar o volume.

— Oh... — suspirou com o ar mais desencantado, ao ver o desenho dos bombons na caixa.

O Antunes reparou.

— Há algo de errado, menina? Têm recheio de licor de cereja.

— É que... — a Aurélie fez um esgar.

— Sim?

— Sou alérgica a chocolates — desabafou. — Mas — apressou-se a acrescentar —, aprecio o seu gesto e agradeço-lhe. Partilharei os docinhos com o meu namorado, que é muito guloso.

Namorado? Foi como se desferissem um murro no estômago do Antunes.

“Já devia calcular. Uma rapariga inteligente e bonita não passaria despercebida” — refletiu.

Agora compreendia as evasivas da jovem, as longas ausências à noite, muito para além da hora de recolher obrigatório, “para estudar em casa de amigas”, ela que raras vezes punha um caderno à frente do nariz.

“És um tonto” — meditou o Antunes.

Engoliu o orgulho e disfarçou o desapontamento o melhor que pôde. Quando a porta do quarto de Aurélie se fechou, o homem sentiu que também se cerrava a abertura que criara na sua alma. Não valia a pena: a rapariga fora pouco polida ao manifestar desagrado pela prenda, e revelara-lhe de chofre a existência de um companheiro, sem a mínima consideração pelos seus sentimentos. Tão depressa quanto se tinha apaixonado, o Antunes converteu-se

àquilo que melhor sabia ser: um *voyeur*, sempre próximo e sempre distante.

Uma tarde, ao chegar ao apartamento, o Antunes não encontrou a inquilina.

— Menina Aurélia, está em casa?

Não obteve resposta. Percorreu uma a uma as divisões, até ter a certeza. Era a oportunidade de inspecionar com calma o quarto da jovem. Até aí, nunca se atrevera, por terror de ser surpreendido. No entanto, como proprietário do apartamento, estava no pleno direito, até para garantir que a rapariga não lhe estragara nada. Rodou devagarinho a maçaneta da porta e esticou o pescoço. O aposento cheirava a sono, os reposteiros parcialmente corridos, a cama desfeita, com a colcha no chão.

“Aurélia deve ter um dormir irrequieto” — concluiu o Antunes.

Olhou em redor: a parede estava forrada com *posters* de atores e bandas em voga na época. Mick Jagger, o vocalista dos *Rolling Stones*, deitava-lhe a língua de fora. O Zeca Afonso debruçava-se sobre uma guitarra, compenetrado. Junto à cómoda, um cartaz de Johnny Halliday agarrava-se ao microfone como um naufrago a uma boia de salvação. Suspenso sobre a cama, onde antes estivera um crucifixo, havia agora o retrato de um jovem que o Antunes identificou sem grande dificuldade: era Vasco, que acompanhara a Aurélia na manhã das mudanças, há cinco meses.

— Que heresia! — exclamou.

Antunes levantou um porta-retratos da cómoda: um homem barbudo e uma mulher com rosto de camponesa davam a mão a uma Aurélia com oito ou nove anos.

“Sai-se ao pai, graças a Deus...” — casquinou o Antunes.

Poisou o porta-retratos exatamente no mesmo sítio, para que a inquilina não desconfiasse de nada. Abriu o primeiro gavetão: um ninho de ratos não seria mais desorganizado. Peúgas, calcinhas e camisolas interiores enrodilhavam-se. Sentiu-se excitado, ao ver aquela massa colorida de roupas femininas. Mergulhou as mãos na gaveta, sentindo a textura do algodão e da seda. As peças interiores eram vulgares e cheiravam aos saquinhos de alfazema com que a Aurélia as perfumava. Só se destacavam umas meias de rede, negras, inspecionadas pelo Antunes à luz da janela. A etiqueta dizia “Paris”. Teriam sido compradas pela Aurélia? Para alguma ocasião especial — um jantar a dois ou uma noite ousada, por exemplo? Ou seriam uma oferta de um namorado? O Antunes não conseguia imaginar o tosco Vasco a presentear umas meias daquelas. A Aurélia tivera possivelmente *un coupin* em Lyon.

O segundo gavetão não oferecia qualquer novidade: a mesma mescla de roupas interiores. Mas no terceiro descobriu um saco de pano, grande, com as palavras “Roupa usada”, bordadas numa letrinha verde, a imitar caligrafia. O Antunes insistira várias vezes com Aurélia para que lavasse tudo no tanque da marquise; no entanto, por pudor ou preferência, a jovem

optara por transportar semanalmente o saco à lavandaria da esquina.

O *voyeur* puxou os cordões do saco e cheirou o conteúdo. Desprendia-se um leve odor a transpiração, ácido, cortado pelo perfume francês, com um toque de lavanda — uma prenda de aniversário dos pais. Vasculhou entre as roupas e retirou um soquete que guardou no bolso, para adicionar à coleção de troféus. A Aurélie pensaria, por certo, que a peça se tinha extraviado na lavandaria.

Antunes abriu as portas do armário. Surpreendeu-se com a organização meticulosa das roupas exteriores da rapariga, em contraste com a barafunda do gavetão. Calças, saias, vestidos, camisolas e lenços de pescoço alinhavam-se de acordo com as estações do ano, penduradas com cuidado das cruzetas. Havia saquinhos de cheiro, nos bolsos de algumas peças, e bolinhas de naftalina, suspensas num recipiente próprio.

“Uma desleixada secreta, a querer parecer arrumadinha por fora” — concluiu.

Da cruzeta, tirou um vaporoso vestido de noite, feito em seda. Nunca o vira antes. Como ficaria Aurélie nele?

— Então, acanhas-te?

O coração de Antunes saltou. A Aurélie acabava de chegar ao apartamento. Num ápice, repôs a cruzeta e escondeu-se no interior do armário, aninhado sob as saias. Fechou as portas, à pressa.

Daí a instantes, a Aurélie entrava no quarto, acompanhada por alguém.

— Vem, amor, que o homenzinho não está em casa.

— Tens a certeza? — perguntou uma voz masculina.

— Certezinha, Vasco. Ao Domingo, ele não falha a bola. Temos duas horas, pelo menos. Antunes escutou o som de beijos repetidos.

— Uh! — disse a Aurélie. — Hoje estás em brasa.

— A culpa é tua, meu fogo.

— Também te posso extinguir. Que te parece?

O Vasco não respondeu, mas o ronronar dele não deixava margem para dúvidas.

— Aurélie, não gosto dessa blusa — ordenou. — Tira-a já.

— Sim, meu mestre. Os teus desejos são as minhas ordens.

— E também não me agrada essa saia.

— Considera-a perdida para sempre.

— Solta o cabelo. Quero vê-lo tombar para trás, como a neve.

“Um poeta” — ironizou o Antunes, verde de ciúme.

A cama chiou sob o peso dos namorados.

— Acende a luz do candeeiro — pediu o Vasco.

— Não, não gosto...

— Vá lá! Quero ver-te.

A rapariga soltou um suspiro contrariado. O Antunes viu um fio de luz entrar pela frincha das portas do armário.

— Despe-te — exigiu ela.

O Antunes ouviu risos, palmadas, respirações ofegantes. O leito começou a ranger. Engoliu em seco: era confrangedor, ter de suportar aquilo sob o seu próprio teto. Cerrou os punhos. Pouco a pouco, ia sentindo um torvelinho no estômago, que não podia ser apenas imputado à repulsa. Fragmentos de uma recordação traumática emergiam no consciente do Antunes. A memória de um episódio ocorrido na infância e reprimido durante anos. Nem em sonhos se revelara, mas estava enraizado no Antunes, de tal modo que residia ali o cerne do seu voyeurismo.

A cama rangia num ritmo cada vez mais rápido.

— Não pares! — gemeu a Aurélie.

O Vasco rugiu:

— Não te aflijas!

O Antunes teria seis ou sete anos. Acordou sobressaltado, a meio da noite. Lá fora trovejava e os relâmpagos atravessavam as cortinas do seu quarto. Sentia um pavor de morte. Correu do leito para a porta, da porta para o corredor, do corredor para o quarto dos pais, o porto seguro. Podia aninhar-se entre eles, até a tempestade passar. Rodou a maçaneta e espreitou. O que viu deixou-o transido: o pai estava deitado sobre a mãe, como se a quisesse esmagar com o peso do seu corpanzil de guarda-republicano.

A Aurélie gritou:

— Quero o céu!

O pequeno Antunes sentiu um calafrio. Na sua inocência de menino, o pai estava a matar a mãe. Esta gemia, aflita, sob o peso do marido, que não cessava de se retorcer em cima dela.

— Quase, quase, quase! — gritou o Vasco.

— Agora, agora, agora!

Os pais tinham permanecido assim, durante algum tempo. O pequeno Antunes assistira a tudo, demasiado aflito com a trovoada para regressar ao seu quarto, e tão aterrorizado com a cena que presenciava que não ousava avançar. Urinou no pijaminha. Deixou-se escorregar para o chão, tapou o rosto e ficou ali, imóvel, até de madrugada. Vira tudo: o pai matara a mãe. E nem Nuno Álvares Pereira, nem Salazar, nem nenhum ídolo cujo auxílio convocara intercedera. Ao pequeno-almoço, estremeceu-se ao ver a mãe viva.

A Aurélie uivou, o Vasco riu, ambos exaustos.

— Mmm... — murmurou ela. — Estou a passear nos jardins do paraíso. Vês-me?

— Vejo, amor.

Dentro do armário, o Antunes crescido começou a chorar. A princípio, era um pranto inaudível. Depois, avolumou-se, num atropelo de soluços incontroláveis, berros, murros. Todos aqueles anos em catadupa, a rebentarem as portas do roupeiro, a encherem o quarto, a espancarem o Vasco, a esbofetear a rapariga nua, a debruçarem-se sobre a janela, espantando os pássaros e o mundo inteiro e sossegado de Benfica.

Enquanto a cidade dorme

Aos treze anos, o meu passatempo favorito era apontar um telescópio para o céu noturno e seguir o rasto de planetas, meteoros e sóis distantes. Numa idade em que os meus colegas se interessavam pela anatomia das raparigas, eu passava horas absorvido com a valsa lenta das estrelas. Sabia que os raios do sol demoram exatamente oito minutos e vinte segundos a chegar à terra; que as estrelas mais brilhantes são Rigel e Régulos; que Júpiter é mil e trezentas vezes maior que o nosso planeta. De atlas aberto sobre os joelhos, saboreava e memorizava estas e muitas outras trivialidades. Intimamente, acalentava o sonho de vir a ser astrónomo, ou mesmo tripulante de um vaivém espacial quando crescesse.

No entanto, a minha verdadeira vocação era bem diferente, como descobri numa noite enevoada de outubro. Por mais que focasse a objetiva do telescópio, não enxergava qualquer corpo celeste através da neblina. Nem Dom Sebastião encontraria o caminho naquelas condições atmosféricas.

Aborrecido, entretive-me a escrutinar os prédios em frente. O óculo revelou-me apenas retalhos banais do quotidiano da vizinhança. Uma mulher de ar enfadado lavava a loiça; duas manas travavam uma guerra de almofadas; um estudante virava as páginas desinteressadas de um calhamaço. Nada comparado com a beleza silenciosa dos mares lunares ou o esplendor da via láctea.

Preparava-me para acabar a ronda, quando reparei numa rapariga, debruçada no parapeito da janela. Foquei a objetiva. Conheci-a de vista: era uma miúda do décimo ano, que eu não apreciava particularmente, por ter a cara pintalgada de acne. O que me chamou à atenção foi ela estar a fumar, em passas longas e deliciosas. Levava o cigarro aos lábios, num gesto elegante e expelia o fumo, transformando-o em pequenos círculos levados pela aragem. Na escola, seria prontamente repreendida e o tabaco confiscado, mas ali gozava de uma liberdade paradisíaca. Naquela transgressão, havia algo de menina e algo de mulher experiente, uma mistura fatal para as minhas hormonas.

Quando acabou o cigarro, a rapariga voltou-se de costas para mim e pôs um disco no estéreo. Devia ser uma canção enérgica, porque ela se contorcia como uma dançarina de ventre, agitava a cabeça (à maneira dos metálicos), gingava as ancas, e pulava. Primeiro, ri-me às gargalhadas; mas depois lembrei-me de que também eu costumava fingir que era o Mick Jagger; e a vassoura, uma guitarra elétrica. Discretamente, abri a janela e pus-me à escuta. Acima do ruído dos carros e do roçar dos ramos das tílias, pairavam os acordes de “Like a Virgin”, a minha canção favorita da Madonna.

Exausta de tanta dança, a miúda deixou-se cair sobre a cama, de braços abertos e barriga para o ar. Minutos depois, virou-se de lado, o rosto semicoberto pelo cabelo tão negro quanto tinta-da-china, e adormeceu com a luz ligada. Estiquei o telescópio, aproximando o mais possível o vulto da rapariga. Vestia um pijama azul-bebé curto e justo, que mal lhe cobria as pernas. Na adolescência, o guarda-roupa nunca acompanha o nosso crescimento, é trágico. Num dos pés, tinha uma meia vermelha; no outro, nada. Por um momento pensei no que seria feito da outra peúga. Mas distrai-me a examinar as pernas dela, longas como as de uma personagem de banda desenhada japonesa.

Às duas da manhã, aquela janela era um quadro aceso na escuridão da avenida, e a rapariga uma deusa numa pose negligente. Que chamar a uma menina-mulher que dança até adormecer? Precisava de um nome capaz de lhe assentar perfeitamente. Paula era demasiado comum. Ângela era muito etéreo, pouco apropriado a quem usa meias vermelhas e ginga as ancas. Vanessa soava àquelas mulheres lascivas dos anúncios eróticos. Olhei para o mapa astral, pendurado na parede, em busca de uma ideia. Andrómeda, Mizar, Hidra? Ignorando o seu nome, batizei-a de *Cassiopeia*. Segundo o meu dicionário de mitos, era a mais bela das imortais gregas, rival de Hera e das Nereides.

Naquela noite, descobri a minha tendência para voyeur: a Cassiopeia passou a ser o meu vício. Todos os dias, ao jantar, prescindia da sopa, sorvia o esparguete, engolia a mousse em colheradas pressurosas.

— Olha esses modos à mesa! — repreendeu a mãe. — Parece que não comes há quinze dias.

— O mano anda esquisito — disse a minha irmã de catorze anos, que não deixa escapar nada.

— É da Primavera — gozou a mãe.

— Aqui anda moura no cais — tornou a mana.

— És uma peste! — atirei-lhe com uma azeitona à cabeça.

Abandonei os pais e a irmã à mesa, e escapuli-me para o quarto, com vista a gozar o meu bocadinho. Todas as noites, espiava a Cassiopeia desavergonhadamente, e registava as

principais observações num caderno:

- a) A Cassiopeia a maquilhar-se (dez pontos);
- b) A Cassiopeia a dançar (quarenta pontos);
- c) A Cassiopeia a despir a farda de escuteira (rebenta com a escala!);
- d) A Cassiopeia a beijar o namorado no fim-de-semana em que os pais se ausentaram

(não gostei; o rapaz tinha mais braços do que um polvo).

Parecia haver sempre algo novo (um pormenor, uma surpresa, uma mudança no comportamento da rapariga) a justificar a minha vigília.

Não tinha medo de ser descoberto por duas razões: apenas a espreitava à noite, com a luz do meu quarto apagada; se calhava vê-la nos intervalos das aulas ou no centro comercial, agia como se não a conhecesse, para não levantar suspeitas. Em teoria, podia espiar a rapariga até ela mudar de cidade.

Uma noite, atrevi-me a ir mais longe do que o habitual voyeurismo. contei os andares até ao da Cassiopeia e calculei que vivia no quarto patamar esquerdo. A rua onde habitava já a sabia, evidentemente, pois era a minha. Chamei o número 118, o das informações, e perguntei qual o telefone correspondente ao endereço. A funcionária transmitiu-mo em apenas alguns segundos; registei-o à pressa num bloco de notas.

Queria conhecer a voz da rapariga que, noite após noite, eu observava secretamente. Seria meiga e feminina? Firme ou hesitante? Adolescente ou de mulher feita?

Foi a tremer de excitação que disquei o número. Mal ouvi o *bip bip* da chamada, espreitei através do telescópio. A Cassiopeia estava à secretária, entretida a ler, quando o telefone tocou. Levantou o auscultador e perguntou:

- Está?
- Olá, linda — balbuciei numa voz cava, como a de um homem maduro.
- Quem fala...? — estranhou.
- É importante saber?

A Cassiopeia passou a mão pelo cabelo:

- É costume...
- Sou apenas alguém que te conhece.
- Conheço muita gente — redarguiu, seca.

Por momentos, receei que me desligasse o telefone na cara. Fui direto ao assunto:

- Tenho uma prenda para ti.
- Onde está?
- Vem até à janela.

A Cassiopeia ergue-se da secretária e assim fez, espreitando em todas as direções.

— Pendurei-a no céu — disse-lhe, em voz baixa, para que ninguém em casa se apercebesse do meu telefonema.

A rapariga olhou para o ar, onde a lua cheia, cor de leite, se impunha na escuridão.

— É uma lua bonita — admitiu.

Ficámos em silêncio, a observar o satélite do amor, sem que ela suspeitasse que eu estava no prédio em frente.

— Os astrónomos chamam-lhe *lua azul* — expliquei.

— Que dizes? Parece-me branca.

— Não tem a ver com a cor. É um fenómeno raro. Quando, no mesmo mês, a lua surge duas vezes no céu, a segunda é uma *lua azul*. Em média, só acontece uma vez em dois anos e meio.

— A sério? — tinha captado a atenção dela. Vi-a debruçar-se mais sobre a balaustrada.

— É uma coincidência matemática. O intervalo entre luas cheias é de vinte e nove dias e meio; um mês normal dura trinta dias e meio.

— Como sabes tanto sobre as estrelas?

Não lhe respondi. Se lhe contasse da minha paixão pela astronomia, era certo a Cassiopeia desconfiar que eu tinha um telescópio. Num estalar de dedos, deduziria que alguém a andava a espreitar à socapa. Poisei o auscultador. A Cassiopeia apagou a luz e esteve uns momentos a contemplar a lua. Pela primeira vez desde que a observava, ambos admirávamos o céu. E agora sabia que a voz dela era calma e morna.

Algumas noites mais tarde, quando me entregava ao meu prazer secreto, escutei uma gargalhada atrás de mim. Voltei-me e vi a minha irmã, na semiobscuridade.

— Pregaste-me um susto de morte — rosnei.

— Desculpa, não te imaginava tão concentrado, mano.

— Por que não bateste à porta?

— Se calhar bati, e não me ouviste, mano... — ironizou.

— Há quanto tempo estás aí?

— Há mais do que pensas...

Engoli a raiva:

— Não é bonito andares a espiar-me, mana.

— Oh, e quem és tu para falares?

— Que queres dizer com isso?

A minha irmã apontou para o telescópio e riu-se:

— Para um astrónomo, tens interesses muito terrenos.

— Não estou a fazer nada de mal, pois não?

Encolheu os ombros e disse:

— Nunca ouviste falar no direito à privacidade?

— Algures. E tu sabes o que é um *segredo*?

— Ah, pedes-me para ser tua cúmplice?

— És minha irmã. A lealdade fica-te bem.

A mana não respondeu. Empurrou-me para o lado e espreitou pelo telescópio. Passado uns instantes disse:

— Deixas-me numa posição difícil, mano. Conheço a miúda. Não tão bem como tu, claro...

— Explica-te.

— A irmã da rapariga que andas a espiar é minha colega de carteira.

— Não sabia que ela tinha uma mana.

— É natural. O quarto dela não se vê daqui.

“Imbecil, empecilho, estraga prazeres” — pensei.

— E vais revelar-lhe o meu segredo? — perguntei, a medo.

A mana ergueu uma sobrelanceira e ameaçou:

— Basta uma palavra minha e a tua musa fecha as cortinas para sempre.

Apertei-lhe o pescoço.

— Não se eu te estrangular primeiro, minha cara.

— Há formas menos violentas de me calares.

— Sou todo ouvidos.

— Passas a fazer os meus trabalhos de casa de Inglês.

Coei o queixo. Sou uma barra a línguas, enquanto a minha irmã é uma *burra*.

— Parece-me um preço razoável — acedi.

— E de Francês.

— Não abuses por favor.

— Queres que eu me cale, ou não?

Suspirei fundo. Que remédio tinha, senão ceder? Não me podia dar ao luxo de perder a Cassiopeia. Segunda a minha irmã, chamava-se, de facto, Vânia, uma rapariga de dezasseis anos. Tinha vários namorados temporários, à razão de um por semestre. Hoje em dia, saía com o presidente da associação de estudantes da escola. Se ele ou ela soubessem que a espreitava, fritar-me-iam em azeite.

— Obrigado pelas informações, mana. Já podes voltar para as tuas barbies.

— E tu para a tua.

Dei-lhe um empurrão:

— És terrível. Às vezes, penso que não saímos da mesma barriga.

— Eu sei. Foste *adotado*.

E saiu do meu quarto, com a mesma gargalhadinha irritante com que entrara. Depois deste incidente, tornei-me mais cuidadoso e passei a fechar a porta à chave quando espreitava a Cassiopeia. Pelo contrário, de noite para noite, esta tornava-se descuidada. Luzes acesas, despia-se à janela, vagorosamente, num *striptease* que me deixava excitadíssimo.

Primeiro livrava-se da camisola. Depois, agitando as ancas fazia descer as calças até aos tornozelos e, sentada na cama, tirava-as. A seguir, libertava-se uma meia, outra meia, as calcinhas... Nua, a Cassiopeia contemplava o trânsito da avenida e o rosto outonal da lua cheia.

Longe de me excitar, esta pose estragava o deleite do *voyeur*. E se mais alguém visse o que só a mim cabia ver? E se a mãe a apanhasse e a encarcerasse no quarto, como uma freira ou uma donzela medieval? E se a Cassiopeia se cansasse daquele jogo? O que seria de mim?

Uma noite, regressei tarde a casa, depois de uma visita de estudo ao Planetário de Lisboa. Lá, manipulara distraidamente os maquinismos sofisticados, passara em revista as imagens das estrelas e ouvira, entre bocejos, as explicações dos cientistas de bata branca e ar alucinado.

Nos últimos tempos, a minha veia de astrónomo secara, e apenas a Cassiopeia me interessava. Maçado da viagem, queria enfiar-me no pijama e dormir a sono solto. Contudo, a rapariga era um anzol e não resisti a uma mordidela. Assentei o telescópio no tripé, retirei a tampa da objetiva e foquei o aparelho.

Um arrepio percorreu-me a espinha. Podia lá ser?

Por todos os deuses do Olimpo, não merecia um castigo daqueles! Da sua janela, silenciosa e atenta, a Cassiopeia empunhava uns binóculos — indecentemente apontados para mim.

Sinopse

Voyeurismo: desejo, fantasia, pecado? Quem nunca espreitou alguém pelo buraco da fechadura, folheou uma revista ousada, ou assistiu a um filme erótico? Em *O que sentes quando a chuva cai?*, João de Mancelos explora um tema controverso, salientando a deliciosa perversidade inerente a ver sem ser visto. São treze narrativas escritas num estilo imaginativo e cuidado, que se expõem ao olhar do leitor, ele próprio também um *voyeur* e um cúmplice. Um livro surpreendente de um contista que urge descobrir.